

O 'LUDO- reintegracionismo' GALEGO: RESPOSTAS CRIATIVAS À ameaça DE DESLOCAÇÃO CULTURAL

Carlos Quiroga
USC

RESUMO:

Neste trabalho procede-se à apresentação de algumas respostas criativas na Galiza à ameaça de deslocação cultural proveniente da prolongada irradiação do sistema estatal da cultura em espanhol em que está inserida. Neste sentido, parte-se, em primeiro lugar, de um contexto sintético, abordado de uma perspetiva diacrónica, que esclarece as circunstâncias políticas e sociais de tal irradiação, com ênfase final em acontecimentos recentes, e remetendo para fotografias e gravações de manifestações de rua. Em segundo lugar, explica-se a orientação de ênfase reintegracionista como resposta à deslocação cultural na Galiza e examina-se a sua história. Por último, mostram-se exemplos de *Ludo-reintegracionismo*, objetivo central da abordagem, como prática literária e artística coletiva. De entre a produção de materiais diversos procedentes de intervenções e paródias de eventos concretos, escolhem-se três casos que pretendem evidenciar a importância e o significado desta orientação aparentada com o Surrealismo, e, ao mesmo tempo, apontar como algumas "deslocações físicas" confrontam uma "deslocação cultural", colocando-se numa 'cordialidade crítica', que nem por isso deixa de minar menos o poder e a força que sustentam as hegemonias. Os exemplos expostos são a campanha "Proposta Galiza 2001", o "Dia da Toalha/ Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata", e o "Movimento Ridiculista Galego" contra a plataforma espanholista Galicia Bilingüe (manifestação contra a língua galega no 8-2-2009).

PALAVRAS-CHAVE:

Galiza,
reintegracionismo,
relações galego-
portuguesas,
surrealismo, humor
crítico

>>

ABSTRACT:

In the work proceeds to the presentation of some creative responses to the threat of Galicia cultural shift from the prolonged irradiation of the state system of Spanish culture in which it operates. In this sense, it is, first, a synthetic context is addressed in a diachronic perspective that clarifies the political and social circumstances of such irradiation, with emphasis on recent events end, referring to photographs and recordings of street protests. Second, it explains the direction of reintegrationist emphasis in response to the cultural shift in Galicia and examines its history. Finally, show examples of Ludo-reintegrationism, the central objective approach, such as collective artistic and literary practice. From the production of materials coming from various interventions and parodies of concrete events, choose three cases who want to show the significance of this orientation emparentada with Surrealism, and at the same time point as some "physical journeys" facing a "travel cultural 'putting on a 'critical warmth' so lets not least to undermine the power and strength that sustain hegemony. The examples shown are the campaign "2001 Proposal Galicia", the "Towel Day / Pride Day Lusista and reintegrate" and "Ridicules Galego Movement" against the platform Bilingual Spanish Galicia (demonstration against the Galician 02/08/2009).

KEYWORDS:

Galicia,
reintegrationism,
Galician-Portuguese
relations, surrealism,
critical humor

Quando me pediram um título para colocar sob o amplo arco da Deslocação também eu quis alinhar nesses mergulhos analíticos praticados nas áreas da criação literária pelos pontos quentes da Viagem, Identidade, até Emigração, todos passíveis de se invocar no mapa que o Encontro sugere. Os ricos e variados resultados que por aí já vieram à superfície servem de estímulos para responder com uma abordagem mais literal.¹ Mas, precisamente porque, nos últimos meses, na Galiza, se verificaram conturbadas circunstâncias políticas de fundo, condicionantes óbvias de movimentos culturais e artísticos, a minha resposta acabou por se *deslocar* para a presente comunicação. Desculpo-me por ela ser *subversiva*, no sentido de subverter o sentido literal e físico da deslocação. E desculpo-me por per-

turbar a inclinação seguramente admirativa que muitos portugueses têm pela Espanha – ainda que esses habitem preferencialmente Lisboa e arredores centrais, não a Capital do Norte: ela vai sair acusada deste contributo. Não é, contudo, nesse lado que se pretende subversão, atenção: não sou nenhum terrorista perigoso ou nacionalista feroz. Apresentarei constatações e comportamentos, nomeadamente artísticos, o que não deixa de ser político, como aliás toda a vida social o é. As circunstâncias recentes, a que de seguida me reportarei, condicionaram o rumo do texto, mas é o seu contexto de inclusive séculos de persistência que condicionam toda a minha individual actividade artística e profissional, e a colectiva vida social e cultural do país em que se insere (Galiza), e portanto o seu evoluir recente. Para um entendimento cabal das questões que me ocupam neste texto seria imprescindível explicação ampla da história e do conceito de “reintegracionismo”. Por descontado que nem espaço aqui nem paciência aí o consentem, será portanto uma síntese o que aqui se apresenta.

>>

contexto de deslocação

A recente atenção para o quantificar da repercussão socioeconómica dos sectores criativo e cultural, leva os especialistas que pensam na competitividade futura a falar dos chamados 3 T's: Tecnologia, Talento, Tolerância.² Dos 3, o terceiro mostra-se dispensável em tempos de globalização, tanto mais que algumas culturas dominantes, no sentido político do termo, parecem cada vez mais a aplicar que o peixe grande come o pequeno. A recente convocatória por parte de “Galicia Bilingüe” (em adiante GB) de uma manifestação em Compostela contra a língua galega é disso prova. A convocatória reuniu umas 2500 pessoas, 600 provenientes doutras partes do Estado, que chegaram em até 10 autocarros (estimativas aproximadas), e que mesmo assim não chegaram a encher a Praça da Quintana, com as suas bandeiras de Espanha e algumas galegas.³

Vários líderes da direita espanhola estavam nas primei-

ras linhas⁴. O lema principal era 'liberdade para escolher', criticando assim a suposta "imposición lingüística" da língua galega na comunidade. Todas as estatísticas indicam que o galego já deixou de ser língua maioritária do país entre as pessoas com menos de 65 anos; existe mesmo uma informação recente da UNESCO que lhe dá poucos anos de vida. Mesmo assim, na manifestação pedia-se "libertad" para o castelhano. O uso do galego segue um processo acelerado e irreversível de castelhanização. Nunca existiu o direito à imersão total em galego no ensino, e, em breve, os "galegofalantes" serão um pequeno reduto dentro dum território dominado pelo espanhol; mesmo assim, esta gente pedia na Galiza "libertad" contra a imposição do galego. GB nasceu num liceu de Vigo, apoiado pelo Partido Popular, promovendo actividades que mostram duas claras tendências: desgastar o novo governo autónomo, que depois de quase duas décadas de poder, perdera o PP, fazendo de força de choque do nacionalismo espanhol; e atacar a existência da própria cultura galega na frente mais vulnerável e onde a projecção do ataque é maior, isto é, crianças e educação.

Antes de prosseguir com o relato destes factos – com referência a algumas respostas por eles desencadeadas –, talvez seja oportuno relembrar, alargando-o, o contexto histórico em que se inserem, porque venho verificando que alguns dados anteriores relevantes já não são hoje facilmente reconhecidos. Deve ter-se presente que ao estado chamado Espanha corresponde ainda hoje uma realidade cultural plural, apesar de remontar já ao final do século XV a sua forja, aquando da rendição do último rei mouro de Granada, Boabdil. O casal régio vencedor, formado por Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, Reis Católicos, uniram os reinos de Castela e Aragão, no que se supõe ser, no final de contas, a Espanha actual, após Portugal se ter desvinculado do projecto com os Braganças. A unificação buscou apagar as diferenças, mesmo linguísticas, sendo o castelhano a língua oficial do novo conjunto. O Reino da Galiza, que se tinha alinhado nas anteriores guerras civis e

dinásticas da coroa de Castela sempre com o perdedor, recebeu um duro castigo, um dos tantos que a História lhe aplicou, neste caso “la doma y castración de Galicia”, nas palavras do historiador dos Reis Católicos, Zurita. A nobreza galega autóctone já tivera de exilar-se ou ficara empobrecida e dizimada, substituída por outra de origem castelhana, e seriam os camponeses e marinheiros a conservar o seu idioma como dialecto vulgar, instalando-se o castelhano como língua cultural. Assim começou a castelhanização do português da Galiza, que até perdeu memória das suas ligações com o outro português, o galego de além-Minho. E assim entrou a Galiza no que se conhece por “Séculos Obscuros”, em que o galego seria quase só de uso oral.⁵ É já quase na fronteira entre romantismo e realismo que se inicia o “Ressurgimento” da literatura galega, e os iniciadores da etapa não conheciam as cantigas medievais. O problema da língua apresenta-se repleto de dificuldades e ensaiam-se simultâneas ou sucessivas soluções na construção do instrumento de expressão, ora usando do coloquialismo dialectal (falas locais, preenchendo vazios com o castelhano), ora interessando-se pela fala dos seus colegas (tomando outras variantes comarcais do galego popular, num interdialectalismo combinado), ora buscando já um galego comum supradialectal. Os três grandes nomes que elevam o galego oral ao nível escrito na literatura são Rosalía de Castro, Curros Henriquez e Eduardo Pondal (o nosso actual Hino procede de um poema deste último). Nos finais do séc. XIX começa a conhecer-se a tradição medieval, e os escritores vêm nestes documentos vocabulário perdido e características morfológicas consideradas antes vulgares. As “Irmandades da fala” (1916), a revista “Nós” (1920), o Seminário de Estudos Galegos (1923), em que brilham nomes como Risco, Vilar Ponte ou Otero Pedraio, marcam o caminho de superação do ruralismo e evolução da língua e cultura galegas rumo à unificação e purificação descastelhanizadora.

A ditadura que seguiu o golpe militar de 1936 cortou brutalmente a recuperação cultural. O castelhano foi de novo

imposto, e a Deslocação Cultural uniformizadora foi aplicada na Galiza, como na Catalunha e Euskadi, e em todo o território da Espanha. No nosso caso, a guerra e a ditadura mataram ou levaram para o exílio o galeguismo mais ativo, voltando a cultura galega no interior do país ao refúgio oral e rural. A longa vida do ditador Francisco Franco (por certo, galego) manteve o afastamento dos exilados, e as principais figuras dos anos 30, como Castelao, acabarão por morrer longe da Galiza. Aqui, apesar da intensidade rasuradora, dos primeiros anos, da intelectualidade local, alguma brasa da cultura galega ficaria. Nos anos 50 consegue-se publicar alguma poesia, e nos finais da ditadura há até docentes (perseguidos) que usam o galego nas aulas. O período de transição dividiu Espanha em “autonomias”, fórmula para solucionar as diferenças das chamadas nacionalidades históricas (Catalunha, Euskadi e Galiza), que apesar de tudo resistiram a séculos de deslocação. É aí que o galego começa a ter estatuto de co-oficialidade com o espanhol na Galiza. O galeguismo, ainda desarticulado e sem grande apoio social, começou a construir timidamente estruturas, dentro de parâmetros ainda abduzidos pelo trauma padecido, e enfrentando uma sociedade que fala maioritariamente galego, mas que é formatada intensamente pelos poderosos *media* em espanhol. É importante indicar que um ex-ministro da ditadura, Manuel Fraga Iribarne (também galego, fundador de Aliança Popular, o partido que mudaria nome para o actual Partido Popular, PP), se instala “democraticamente” durante 16 anos na presidência da autonomia galega, e que o seu partido foi sempre o mais votado na Galiza, só deixando de ter maioria absoluta numa ocasião. Foi aí, quando o Partido Socialista Espanhol (PSOE) e o Bloco Nacionalista Galego (BNG, conjunto de partidos galeguistas) se coligaram para governar na Galiza, que a direita do PP utilizou todos os meios de desgaste para recuperar a maioria – entre eles o estímulo à contestação do ensino da língua galega. Assim nasceu GB, que de acordo com a informação na sua página web

es una asociación sin ánimo de lucro cuyo fin primordial es defender el derecho de los padres o, en su caso, de los alumnos a elegir la lengua vehicular en la que estos han de ser educados y, en general, el derecho de los ciudadanos a elegir en cuál de las dos lenguas oficiales la Administración ha de comunicarse con ellos.⁶

De volta ao presente, a manifestação de 8-2-2009, convocada por GB em Compostela, foi acompanhada de protestos de várias organizações independentistas, como Briga ou NOS-UP, produzindo-se confrontos com a polícia, que evitou a aproximação e a exibição de faixas contrárias, bateu e perseguiu pela zona velha, praticando várias detenções. Retiramos da edição digital do jornal *A Nosa Terra*, onde se pode ler também um relato mais amplo, a foto II.⁷

Muito mais explícitas e demonstrativas são as imagens relativas aos eventos, de que há na internet bastantes exemplos.⁸ A organização NOS-UP publicou 4 dias depois, na sua página web, com Carlos Morais já presente (e com um olho negro) um comunicado declarando uma meditada indignação pela provocação de GB, solicitando a liberdade de outro detido, assim como o arquivamento do processo aberto contra dez pessoas. Também anunciava uma demanda judicial contra a polícia espanhola e o Delegado do Governo pela violência policial, de cuja agressão injustificada e indiscriminada existem vários registos fotográficos.⁹

Apesar disso, foi GB e os promotores da manifestação contra o galego – que já tinham comparado a situação do espanhol na Galiza com o extermínio programado de judeus durante o Terceiro Reich – os que se sentiram agredidos. A sua presidenta, Gloria Lago, anunciou de seguida que apresentaria uma denúncia perante o Tribunal Superior de Justiça contra várias “organizações radicais”, que considerava “culpadas de assédio” e que, segundo ela, “conformam um conglomerado que de maneira concertada atuam violentamente contra a associação”. Declarou aos meios de comunicação social que desde Setembro

>>

de 2007 se sucedem “incidentes, ameaças e apelos ao boicote” contra GB, considerando a resposta popular à manifestação de 8-2-2009 como parte dessa “operação de assédio”, incitada, segundo a presidenta, nada menos que pelo (na altura) vice-presidente da Junta Anxo Quintana (BNG) e pelo presidente Emilio Pérez Touriño (PSOE), que teriam dado “durante muitos meses oxigénio aos violentos com o silêncio que mantiveram” sobre as ações contra GB. É certo que houve incidentes, como também se sabe que desde Setembro de 2007 vinha havendo multas e detenções de participantes em projectos culturais de defesa da língua da Galiza, e que em 8-2-2009 foram detidas 11 pessoas (seriam 18 as imputadas, 1 acabaria no hospital com traumatismo cranioencefálico), e que os líderes de GB, Falange, UPyD e “Ciudadanos de Cataluña” proferiam nas ruas de Compostela frases como “Había que echarlos al mar, como hicieron en Chile”.¹⁰ Em 1-3-2009, o PP ganhou de novo as eleições à Junta por maioria absoluta, e o presidente Núñez Feijó manifestou o seu apoio às posições de GB, garantindo que o espanhol teria maior presença na administração autonómica, nomeadamente no parlamento e na documentação. Prometeu a derrogação do Decreto que regulava uns mínimos para o galego no ensino – medidas que estavam no seu programa e que se foram efetivando nos meses a seguir.¹¹

Mas houve também outro tipo de respostas mais imaginativas e irónicas à manifestação de GB, como a do “colectivo ISCA”¹², que levou alguns dos seus membros, disfarçados de vacas, a aproximar-se de Glória Lago com um globo em que estava escrito “El gallego es para hablar con las vacas” – pessoas que também acabariam detidas, foto III.

No início do vídeo em que se explica e documenta a acção,¹³ com música de Antón Reixa, aparece a frase: “a ironía é unha arma para os pobos oprimidos”. É este tipo de atitudes e respostas que se privilegiou este trabalho, deixando de parte as organizadas por grupos políticos concretos, como no exemplo anterior.

reintegracionismo – primeira explicação

Contra a deslocação cultural provocada na Galiza pela cultura espanhola – e deixando de parte organizações e grupos políticos – existem vários tipos e linhas de resistência cultural. A do galeguismo “oficial”, muito visível, que escreve um galego subsidiado e com a ortografia do espanhol, é a frente mais ampla, mas também a mais permeável. A frente reintegracionista, marginalizada pelo galeguismo oficial por escrever um galego – autossustentado – com a ortografia do português, é menos visível mas muito mais impermeável. A orientação de ênfase reintegracionista nasceu no último quartel do século XX, precisamente contra a tentativa institucional de estabilizar o código espanholizado para o galego e propondo uma codificação que se aproxime dos padrões lusitanos. Na praxe dos grupos empenhados em efetivar esta aproximação, genericamente conhecidos como *reintegracionistas*, deslocados face às forças institucionais, existe a variedade de comportamentos típica dos movimentos periféricos, pouco estruturados e pouco interdependentes, porque a hegemonia dos poderes instituídos provoca precisamente essa horizontalidade popular. Por isso, e neste sentido, demonstra um activismo nada incoerente nos objectivos mas muito dispar nas formas, podendo observar-se produção de resistência cultural muito séria e ao mesmo tempo intervenção correntemente paródica. A dimensão mais séria está patente em congressos, revistas, fóruns académicos e discursos teórico-críticos fundamentados, e foi construído nas últimas décadas do século passado, ainda que assentando nos primórdios do galeguismo histórico. O paródico destina-se à rua, é mais criativo e abre-se cada vez mais espaço no século XXI.¹⁴ Tratarei de fazer uma síntese dos percursos académicos neste campo antes de abordar o tema concreto que dá título a este trabalho.

>>

reintegracionismo – da cabeça aos pés

Após a ditadura espanhola uniformizadora em castelhano, a chegada da “Autonomia” à Galiza coincidiu com a aparição de

um mercado de consumo ligado ao ensino em galego, mercado simultaneamente ligado à norma ortográfica desse galego. As incipientes instituições oficiais, emanadas da estrutura estatal espanhola, tentaram instaurar legalmente um código para a escrita separado do português e próximo do espanhol. Quem acatou tal código inibiu-se alarmantemente quanto ao problema da língua galega e da sua ortografia, e participou do novo-riquismo; quem não acatou e teimou na afirmação identitária, ficou na periferia. O desencontro trágico entre as forças de ambas as facções, em que não está comprometida unicamente a literatura, corresponde a duas estratégias gerais mais amplas: a isolacionista (afastar o galego do seu sistema), e a reintegracionista (fazê-lo convergir no seu sistema).¹⁵ O desencontro arranca em 1979:¹⁶ ano da aparição do Real Decreto 1981/79 do Ministério da Educação espanhol, que trata da incorporação da língua galega ao sistema de ensino;¹⁷ ano em que Martinho Montero Santa-lha publica as *Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa*; ano das *III Xornadas do Ensino* organizadas pela *Asociación Sócio-Pedagógica Galega* (AS-PG), onde o Decreto é analisado e qualificado como “neocolonial e anti-galego” (cf. *A Nosa Terra* 75).¹⁸ Em Setembro do mesmo ano de 1979, a Conselharia de Educação da Junta da Galiza torna pública uma listagem com os nomes dos membros de uma *Comisión de Lingüística*, criada para elaborar uma proposta normativa, a ser usada nas instituições autónomas em geral, e que daria resposta às necessidades colocadas pelo “Decreto de Bilinguismo”. O boletim oficial da Junta da Galiza nº 10 (Junho, 1980) publicaria as normas aprovadas pela comissão, presidida por Ricardo Carvalho Calero, escritor e professor universitário, primeiro catedrático de galego da nossa história, principal teórico do Reintegracionismo.¹⁹ Mas essa proposta resultaria efêmera. Uma das encomendas que o “Decreto de bilinguismo” atribuía à Comissão Mista, formada por membros das administrações estatal e autónoma era a de autorizar os manuais e outros materiais escolares para o ensino da Língua Galega. Acolhendo-se de jeito abusivo a essa circuns-

tância, uma "Subcomissão de Programação de textos" preparou uma nova proposta normativa, substancialmente diferente da elaborada pela Comissão de Linguística, e que seria publicada no boletim da Junta nº 15 (Dezembro 1980). Em geral, as escolas institucionais orientam-se agora, de forma mais que evidente, cara ao afastamento das soluções ortográficas coincidentes com o sistema luso-brasileiro. Em paralelo, as elites académicas (e não só) debatem, às vezes com extraordinária virulência, sobre a viabilidade das diversas orientações normativas que começam a perfilar-se.²⁰ O debate coincide com a difícil introdução da língua galega no ensino e com as barreiras que colocava o Decreto de bilinguismo. É neste contexto que nasce, em 1981, a *Associação Galega da Língua* (AGAL), com o propósito declarado de conseguir uma substancial reintegração idiomática e cultural da língua galega (nomeadamente nas suas manifestações escritas), na área linguística e cultural que lhe é própria, a galego-luso-afro-brasileira, bem como potenciar todo tipo de actividades que vise o objectivo da recuperação dos usos do galego.²¹

>>

Enquanto uma parte dos sectores sociais mais comprometidos com a língua fica à procura de um acordo normativo que, segundo todos os indícios, começa a ter no Reintegracionismo o seu eixo vertebral, outros atores agem de forma sigilosa. Em 1982 (a 18 de Junho) é enviada aos membros da Real Academia Galega a convocatória de uma reunião extraordinária com um ponto único na ordem de trabalhos: "Estudo da ponencia sobre a unificación das normas ortográficas e morfolóxicas do galego, entre a Real Academia Galega e o Instituto da Lingua Galega".²² E em 1982 virá a lume a primeira edição das *Normas conjuntas da RAG e do ILG*, que constituem o cânone *isolacionista*, em que se alicerça a primeira das duas estratégias acima apontada.²³

A resposta dos grupos reintegracionistas foi imediata. Em 1983, a AGAL edita um pormenorizado *Estudo crítico das "Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego"*, em que analisa todos os pontos da Normativa RAG-ILG e que virá a fornecer o suporte teórico para a própria articulação normativa que apre-

sentará em 1985 no seu *Prontuário ortográfico galego*, na qual se propõe uma normativa substancialmente comum à luso-brasileira, que possibilita a intercomunicação escrita sem esforço suplementar, e que se mantém fiel à realidade histórica do galego. Nesse mesmo ano, a AGAL decide dotar-se de um boletim que combina os estudos científicos com a compilação das notícias mais relevantes do quotidiano linguístico, fundamentalmente a propósito dos assuntos relativos à codificação, assim nascendo a revista *Agália*.²⁴ Em 1983 legalizara-se outro grupo reintegracionista, a associação *Irmandades da Fala*, que tenta recuperar a herança das *Irmandades* históricas, e que estabelece entre as suas finalidades a “recuperação etimológica e reintegracionista da língua galega como variante em pé de igualdade com as restantes variantes do mesmo sistema linguístico, dentro da comunidade galego-luso-brasileira-africana de expressão portuguesa.” Também em Julho de 1983, um grupo de sociolinguistas e profissionais do âmbito linguístico elaboram a *Declaração de Iruinea*, bem como um projecto de associação, *Iruinean Sortua*, que celebrará encontros em Lleida e Compostela: a representação galega está vinculada à AGAL, que alarga o seu campo de actuação à procura de apoios internacionais. A estratégia de difusão do Reintegracionismo em foros académicos tem a ver também com a presença de membros da AGAL na *Associação Internacional de Lusitanistas*, já no congresso constituinte dela (1984), na participação no *I Congresso de Escritores Luso-Galaicos* (1985), no *I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (1985), na *III Escola d'Estiu de Gandia* (1986), no *II Congresso Mundial Vasco*, no *II Congrès Internacional de la Llengua Catalana*, etc. Dentro desta estratégia dos primeiros anos do reintegracionismo organizado, o facto mais relevante será a organização pela AGAL do *I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza* (Setembro de 1984): nele participam alguns dos vultos mais destacados das Ciências da Linguagem e da Literatura, nomeadamente do âmbito lusófono, e será uma demonstração da força do Reintegracionismo e do suporte

com que conta no âmbito intelectual (posteriormente, celebrar-se-iam os seguintes em 1987, 1990, 1993 e 1996).

Em 1984, as *Irmandades da Fala* publicam o seu próprio *Prontuário ortográfico*, que segue praticamente o *Método prático de língua galego-portuguesa*, de Martinho Montero Santalha, do ano anterior. Junto com o *Prontuário* da AGAL de 1985, e o *Guia prático de verbos galegos conjugados*, de 1989, estes manuais fornecem o material didático suficiente, com aproximações só parcialmente divergentes, para levar o Reintegracionismo ao grande público, numa estratégia complementar à da procura do apoio das elites intelectuais – que agora começa a insinuar-se claramente – e que nos últimos anos do decénio virá a vigorar (a difusão das propostas reintegracionistas têm continuado com vários manuais posteriores). Em Abril de 1986 foi convocado um novo *Encontro Nacional sobre a normalización lingüística* pela *Asociación de Escritores en Lingua Galega*, a AS-PG, a Federação de associações culturais e a AGAL, a que seriam convidados a assistir profissionais do ensino, sindicatos e partidos políticos, o ILG, a RAG e as principais editoras galegas. Um dos resultados desse encontro foi a constituição da *Mesa pola Normalización Lingüística*, de que faziam parte inicialmente as entidades citadas, mais o Grupo de Professores de Língua e Literatura Galegas. Um outro resultado do encontro foi o “Manifesto por un acordo necesario”.

Outro fator vem condicionar o debate sociolinguístico: a aprovação das *Bases*, por parte da Academia Brasileira das Letras no Rio de Janeiro (Maio de 1986), que passam a ser assumidas como próprias por algum grupo na Galiza (*Irmandades da Fala*, que o leva às publicações vinculadas), enquanto a Comissão de Linguística da AGAL decide manter a linha do seu *Prontuário* de 1985. Contudo, o acordo será renegociado seguindo as *Bases da ortografia unificada da Academia das Ciências de Lisboa*, e junto com representantes das academias portuguesa e brasileira, bem como com os delegados dos PALOP, uma delegação de observadores da Galiza participa nas reuniões que levam a um novo *Acor-*

>>

do ortográfico, a que novamente aderem as publicações das Irmandades e outras entidades como a *Associação de Amizade Galiza-Portugal*. A AGAL manifesta-se contrária a realizar mudanças estratégicas antes de verificar a eventual efectivação do Acordo em Portugal, no Brasil e nos PALOP, teoricamente prevista para 1994. E anuncia que, mesmo no caso de ele ter um sucesso considerável nesses países, se deve estudar, antes de adoptá-lo, o estado do processo global de normalização linguística na Galiza nessa altura (dossier completo em *Agália* 24: 492-512). Este assunto vai provocar um princípio de cisão no conjunto dos grupos reintegracionistas que ainda hoje tem as suas consequências. O estatuto de *Academia paralela*, que a AGAL tinha atingido na altura, virá a ser questionado paradoxalmente dentro do próprio movimento reintegracionista, ao atribuir um sector dele a potestade normativa a uma autoridade externa. Consequência deste facto é a discrepância ortográfica que, embora atingindo unicamente aos pormenores, se prolonga até à actualidade no conjunto do Reintegracionismo, dividindo as estratégias entre adoptar o português padrão do Acordo ou manter a linha do *Prontuário* da AGAL. A recente anuência alargada dos PALOP ao Acordo, tem levado também a uma inclinação geral para ele dentro da Galiza, embora a AGAL continue mantendo a cautela inicial.²⁵ Neste cenário, aparece a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP), cuja Sessão Inaugural decorreu em Compostela em Outubro de 2008, que aposta decididamente no Acordo.

Nos primeiros anos do Reintegracionismo organizado foi dada prioridade ao trabalho académico e à reflexão teórica. A própria dinâmica organizativa do Movimento Reintegracionista estava constrangida por acontecimentos externos, como os próprios imperativos legais, ou as decisões que atingiam o conjunto dos países lusófonos. Por outro lado, nestes anos, os principais protagonistas do debate são pessoas vinculadas ao mundo do Ensino. Mas o debate sobre a normativa chegou às aulas e a semente frutificou numa militância reintegracionista de jovens, as primeiras camadas escolarizadas, com imensas dificuldades

em galego, que encontram um quadro legal substancialmente diferente do que impunha a ditadura. Essas mesmas pessoas são as responsáveis pela criação de um riquíssimo tecido associativo que constituirá uma autêntica novidade na história recente do País. A *Associação Reintegracionista de Ordes* (ARO) inaugura em 1988 a dinâmica específica dos *Grupos reintegracionistas de base*, realizando um intenso labor de gestão de cursos, palestras, correcção da toponímia, organização de actividades lúdicas e formativas. Só um ano depois se constitui o *Clube Reintegracionista do Salnés* (CRêS), e será legalizado um grupo reintegracionista na emigração, *Renovação – Embaixada Galega da Cultura*, que editará um boletim, poemários e trabalhos diversos. O mundo da emigração fornece mais exemplos, como a *Associação Civil “Amigos do Idioma Galego”* (AIG), de Buenos Aires, já constituído em 1987, constante em utilizar nos seus cursos a ortografia histórica do galego, apesar das constantes pressões recebidas das instituições oficiais da Galiza. Também nasceram grupos locais em Madrid e Barcelona, mas muito especialmente dentro da Galiza: na Estrada, Sociedade Cultural Marcial Valadares; em Ourense, Grupo Reintegracionista Autónomo Meendinho, e a Esmorga mais recentemente; em Verim, Aguilhoar; em Compostela, Assembleia Reintegracionista Bonaual e A Gentalha do Pichel mais recentemente; em Vigo, Associação Reintegracionista V Irmandade, e (também recente) A Revolta; Associação Reintegracionista Artábria em Ferrol (em 1998 passou a Fundação), Assembleia Reintegracionista NH em Ponte-Vedra, Alto Minho em Lugo, etc. Todos estes grupos alimentaram e alimentam uma presença constante do Reintegracionismo na vida cultural e associativa da Galiza. Nos primeiros anos de 90 também dispararam as publicações reintegracionistas, vinculadas de início às organizações da esquerda independentista, como *Povo Unido*, da *Assembleia do Povo Unido*; *A Treu*, das *Juntas Galegas pola Amnistia*; ou a *Canha!* da *Assembleia da Mocidade Independentista* (que, já em 97, passará a editar a *Terra Livre*).²⁶ *Novas da Galiza* (nº 1 Fevereiro/ Março de 2002) é o projeto jornalístico de caráter

>>

reintegracionista mais recente. Em 1992, Artábria, V Irmandade, ARO, CRÊS, Marcial Valadares, Meendinho, junto com a AGAL e o grupo *Pestinho*, relacionado com a criação em banda desenhada do fanzine *Frente Comixário* e de vários números especiais (*Spesial Zombies*, *Spesial Pelegrin...*) coeditam uma *História da Galiza em Banda Desenhada*. Os mesmos grupos, acrescentando agora *A Gente da Barreira* (Ourense), a *A.C. Auriense*, a *S.C.D. O Condado*, *Aquém-Douro* (Tui), *Renovação* e a *Associação Cultural Aloia* (Barcelona), editam também, em 1995, uma *História da Galiza em Banda Desenhada*.

Os grupos citados mantiveram na sua maioria ligações com a AGAL, sendo numerosos os elementos que militavam simultaneamente num grupo de base e na própria AGAL. Esta associação nunca chegou a criar uma estrutura equiparável à Coordenadora de Grupos para a inserir na sua própria organização.²⁷ Em 25 de Março de 2000, seguindo um convite da AGAL, representantes de boa parte dos grupos e grupos reintegracionistas do país participaram, em Compostela, numa homenagem conjunta ao Professor Carvalho Calero, no 10º aniversário do seu falecimento. Um dos resultados do encontro foi o *Manifesto Carvalho Calero*, reproduzido no nº 61 da *Agália*, em que é denunciado o evidente insucesso da política linguística institucional na Galiza, bem como a perseguição constante de que são objecto as pessoas que decidem não anuir às orientações normativas “oficiais”. Por essas mesmas datas começam a produzir-se movimentos auspiciados pela AS-PG, orientados para conseguir uma modificação parcial da normativa ILG-RAG, fundamentalmente à procura de uma convergência dos grupos que ficaram ancorados nos *mínimos*. Como resultado, terá lugar uma série de encontros com representantes dos Departamentos de Filologia Galega das universidades de Compostela, Corunha e Vigo, coordenados pela própria AS-PG, visando uma reforma normativa. Os grupos reintegracionistas nunca foram convidados a participar no processo. A proposta final foi apresentada à Real Academia Galega, que, surpreendentemente, decidiu rejei-

tá-la – e o “desacordo” normativo dos sectores isolacionistas resultou um estímulo para a convergência reintegracionista.²⁸ A RAG acabaria por aprovar a “reforminha” em 2003.

Vale a pena ainda chamar à baila a nova realidade europeia, porque a UE *parece* buscar modos de reparar os seus casos de quebra cultural, e a secular falta de assistência da Galiza *parece* poder achar aí possibilidades de salvação. Mas na presente realidade da euro-região em que a Galiza e Portugal caminham a par, a vertente da cultura deveria alcançar níveis de intercâmbio entusiasmantes, e, no entanto, apresenta uma opacidade e uns resultados bem mais parcos do que noutras vertentes e do que noutras euro-regiões. Existe um potencial incrementável, mas a realidade é brutalmente outra. As infra-estruturas, as vias de comunicação, os negócios conjuntos Portugal-Galiza, aumentaram notavelmente com os fundos FEDER, mas não as trocas e projectos culturais, que, se não são dificultados, continuam a ser mínimos.²⁹

>>

Um exemplo é que ao abrigo da legislação estatal e, em especial, da comunitária europeia, deveria ser possível a recepção da televisão portuguesa na Galiza, mas isso não acontece.³⁰ A UE recomenda a “livre prestação de serviços”, que deve incluir o serviço de recepção do sinal, sendo poucas e solucionáveis as dificuldades técnicas. Um amplo leque de profissionais, como médicos, empresários, titulados em geral, com interesses efectivos ou potenciais em Portugal, devem ir à internet ou buscar informação como se da Austrália se tratasse; mas várias vezes por dia, por múltiplas vias, podem saber o que se passa em Marbella, ou na casa dos jogadores do R. Madrid. Conseguir um jornal português do dia na Galiza, embora tenha havido alguma experimentação em livrarias especializadas, continua a ser impossível. Promovem-se campanhas para receber na Galiza os canais públicos portugueses, RTP1 e RTP2, e a SIC e a TVI, mas nem os meios de comunicação nem os poderes espanhóis estão dispostos a consentir. Apesar da teoria emanada da UE, a realidade é bem diferente. E “*A Xunta propón que o quiñón grande do*

Interreg III vaia á construción do Museo do Viño en Ribadavia ou á recuperación de casas rectorais. A filosofía de integración cultural e económica da Raia, que é a razón de ser do programa, brillará sobre todo na reconstrución das fortalezas da fronteira que é a proposta máis ambiciosa da Xunta” (*A Nosa Terra*, nº 1016, 10-16 Xaneiro-2002, p. 3). O horizonte, apesar das ajudas da UE para o derrube da fronteira cultural, continuava igual de fechado que na década anterior, e válidos os mesmos juízos.³¹ Lembro-me de o *Jornal de Letras* me acolher em Lisboa pela mão de Assis Pacheco, em 1987, para mencionar a revista cultural galega que dirigia, referida muito pouco tempo depois nesse jornal como “ponte entre Portugal e a Galiza” (*Jornal de Letras*, nº 300, 5/11-4-88). Pois bem, esse esgar romântico é o único que continua, cabendo-me avivá-lo em recentes aventuras de feiras, encontros, co-edição de livros com editoras galegas e portuguesas. Esforços épicos, detalhes isolados. Como o texto de encerramento da Feira do Livro em Viana em 99, que o coordenador me enviou depois, sublinhando as duas passagens onde me menciona. Comprovo admirado que estou do lado exótico de Timor: “já se fez justiça a presença na feira da expressão timorense e a vinda do escritor galego C...”; “a voz de Timor na pessoa de Luís Cardoso, a irmã Galiza servida por um lusista de assinalado humor”... Um humor que vai minguando à vista da insuficiência dos detalhes, quando existem planos estruturais e bastante dinheiro para reforçar o intercâmbio transfronteiriço. Por que motivo não decorreu dos Interreg um rio a varrer os detalhes pré-históricos e fazer da ausência de fronteira um final encontro feliz e constante...? Podemos aguardar da Junta e do Estado espanhol um interesse para reforçar o intercâmbio cultural, ou seja, aguardá-lo de instituições que agridem o nosso idioma e a nossa cultura abertamente...? No quadro de prosperidade euro-regional, que o Estado espanhol nos desenha com fundos da UE, o afastamento cultural de Portugal é o que tem mais sentido na Galiza. Eles consentem detalhes, mas creio que até premeditam o afastamento.³²

respostas criativas do ludo-reintegracionismo

Sem margem para mais explicações, devo insistir nesta altura do trabalho em que me apresento num encontro dedicado a *Deslocações Criativas* para apresentar o Reintegracionismo como movimento em prol da deslocação cultural que na Galiza se pratica desde há séculos. Na hora de mostrar os exemplos de *Ludo-reintegracionismo*, objetivo central da abordagem e vertente na que também venho participando – e que significa uma prática literária mais colectiva –, espero que a sua explicação e exploração crítica sejam prescindíveis, e que eles falem por si. São três e são estes:

>>

- a) a campanha *Proposta Galiza 2001* (primórdios distantes, com intervenção no 25 de Julho de 2001, na Praça do Obradoiro, entre outras);
- b) Dia da Toalha (25 de Maio 2007, *VII Dia Internacional da Toalha, I Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata*, celebrado a partir daí todos os anos);
- c) Movimento Ridiculista Galego contra a plataforma espanholista *Galicia Bilingüe* (manifestação contra a língua galega no 8-2-2009).

Existe muito mais material e produção para uma apresentação em catálogo exaustivo (intervenção anuais durante o Dia das Letras Galegas, os “Galiza em Trânsito” levados a Portugal, as paródias de eventos concretos como o Mundial de futebol ou a visita do Papa, etc.), mas a mostra deve ser suficiente para evidenciar a importância e o significado desta orientação no quadro anteriormente pintado. Ao mesmo tempo, os exemplos devem mostrar como algumas “deslocações físicas” confrontam uma “deslocação cultural” colocando-se numa ‘cordialidade crítica’, que nem por isso deixa de minar menos o poder e a força que seguram a hegemonia. A vantagem é que esta fica, por um momento, desnorteada – e as imagens mostram como o vocabulário bélico continua a estar justificado, e a presença policial é uma constante.

a) campanha *Proposta Galiza 2001*

“Proposta GZ” foi uma iniciativa cultural promovida por um grupo de pessoas³³ de diferentes âmbitos profissionais unidas pelo comum propósito de recuperar para o nosso país o seu nome próprio, objectivo em torno ao qual aspiravam unir um círculo interessado em recobrar tão importante sinal da nossa identidade colectiva. Apresentou-se, em 21-7-2001, na sede do Instituto Galego de Informação, Compostela, com presença de grande parte dos apoiantes e discursos vários.³⁴ Para além de outras actividades,³⁵ realizaram-se algumas intervenções que podem constituir os primórdios da orientação ludo-reintegracionista. Nomeadamente a praticada em 25 de Julho, Dia da Pátria galega: “O cobrador do fraque”, ou também “Sr. Z”, tinha como finalidade cobrar “uma dívida com o futuro do país” ao Sr. Fraga Iribarne, presidente da “Xunta de Galicia”. Decorreu na Praça do Obradoiro durante o ato da Oferenda ao Apóstolo:

Depois, ele levou a sua mensagem por Compostela, reparando o panfleto explicativo, e sempre acompanhado de um grupo de pessoas que alertavam toda a gente sobre a importância do “z” de Galiza. A polícia nacional espanhola, para além de confiscar a mala e controlar todas as pessoas do grupo, praticou um “emparedamento” no momento da saída das autoridades da Catedral. “O cobrador do fraque” estava representado pelo ator e dramaturgo Quico Cadaval (que o público português recordará da primeira *Operação Triunfo*, pois era o Professor de Voz do programa da TV). A sua intervenção parateatral na rua, creio que foi, como disse, uma das primeiras manifestações “ludo-reintegracionistas” do século, ainda que esta palavra ainda não existisse.

b) o *Dia da Toalha*

A palavra “Ludo-Reintegracionismo” foi divulgada amplamente nos anos que seguiram, em especial pelo uso frequente nas actividades do criativo Suso Samartim. Uma delas, promovida junto com outras pessoas, é o segundo exemplo que tomamos: o Dia da Toalha, proclamado pela primeira vez em 25 de Maio de

2007.³⁶ Tratava-se exactamente do “*VII Dia Internacional da Toalha*”, e ao tempo do “*I Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata*”, e pretendeu aproveitar a homenagem a Douglas Adams, autor d’ *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, uma saga na qual a toalha tem certa importância, de modo que os seus admiradores em todo o mundo instituíram a jornada para honrar a sua memória, saindo à rua com toalhas. Tinha acontecido pela primeira vez em 2001 (o ano da Proposta GZ, por certo), e, em 2007, eram reintegracionistas galegos que se lembravam de ligar a tal comemoração o Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata. Invocava-se para tal o tradicional hábito galego de ir comprar toalhas à cidade de Valença, na fronteira portuguesa com Tui, entre outras coisas. A celebração de 2007, em que me coube o desafio de redigir e ler um manifesto (numa praça que à partida também estava ocupada por um destacamento das forças de choque da polícia – sem faltar o mesmo agente incógnito que nos tinha rondado no Obradoiro em 2001), resultou modesta, mas não deixou de celebrar-se e aumentar todos os anos. A convocatória chegou aos meios de comunicação e a produção artística em volta dela foi variada já desde o primeiro ano: cartazes, faixas, blogues, programas de rádio, manifestos, canções, fotos, vídeos, etc. A convocatória do segundo ano foi notícia em imprensa diária, revistas, rádio, televisão e internet.³⁷ Em 2009³⁸ e 2010³⁹, os padrinhos foram ainda mais conhecidos e a pares (o genial actor e dramaturgo Quico Cadaval com a actriz Comba Campoy, e a grande cantora Ugia Pedreira com Olga Nogueira). O evento ficou consolidado. Deixamos como amostra uma das várias páginas com “palavras de ordem” produzidas para uso dos participantes nalguma das convocatórias, que ilustra o processo paródico das letras de canções conhecidas pelo público participante:

c) Movimento Ridiculista contra GB

A resposta do Ludo-Reintegracionismo galego à convocatória da manifestação contra a língua galega, à que nos referimos na primeira parte do trabalho, consistiu em comparecer, pedindo

>>

aos aderentes que fossem disfarçados de toureiros, folclóricas espanholas, guardas civis, freiras, bispos ou inquisidores. Os agentes antidistúrbios evitaram que tal grupo, musical e festivo, se unisse à manifestação que *apoiavam inequivocamente* – como se escreve no resumo detalhado do Portal Galego da Língua:⁴⁰ "Os agentes nom sabiam ao que se enfrentavam e mesmo pareciam ter vontade de briga para dissolver o grupo, e ao começo, quando cortárom o passo, repartírom alguns paus (com nom mui boa pontaria) e dispensárom empurrões para fazer recuar os ridiculistas à ponta da Alameda mais afastada da manifestação de GB". Os grupos de "ridiculistas", à volta de uma centena (a polícia fala de 40, mas as fotos desmentem este dado), tinham sido convocados e coordenados por *Sei O Que Nos Figestes... nos Últimos 525 Anos* (<http://seioque.com/>), e apoiados por *UPeyDeyros, Tan Gallego Como el Gazpacho*⁴¹, a *Mesa Contra el Libertinaje Lingüístico*⁴² e *As Mil Filhas de Pita*, entre outros. Alguns dados exagerados destes blogues paródicos chegaram a ser citados, num primeiro momento, como fontes autênticas pelos promotores de GB em semanas anteriores.

A prática paródica, lúdica, performativa, festiva e pacificamente interventiva parece ter-se consolidado como uma forma de resposta visível e efetiva, que, apesar de tudo, a polícia espanhola não deixa de acompanhar e até enfrentar. A vertente ludo-reintegracionista está presente nas celebrações do Dia da Pátria, no Dia da Letras Galegas, e em muitos outros eventos e manifestações públicas, criando inclusive campanhas próprias, e sem poupar o próprio Reintegracionismo mais solene⁴³.

Concluimos esta aproximação com outra amostra ainda da produção artística de "palavras de ordem" (neste caso um exemplo de 'genéricos') que circulam de mão em mão nalgum destes atos:⁴⁴

Falta referir a música, e a explicação dos mecanismos paródicos utilizados, que, para quem não está a par da realidade concreta que se cita e se parodia se torna em muitos detalhes imprescindível (o apoio sobre o imaginário cultural espanhol,

cujos meios difundem intensamente muitas das canções, é um dos recursos regulares, ainda que também apareçam tópicos da Lusofonia). Mas, obviamente, não cabem mais dados nesta abordagem, como não cabem paralelismos com outros movimentos artísticos – nomeadamente a intervenção surrealista durante a ditadura salazarista em Portugal. Mas aqui deixamos a sugestão para futuros trabalhos de investigação. <<

>> Foto I



>> Foto II

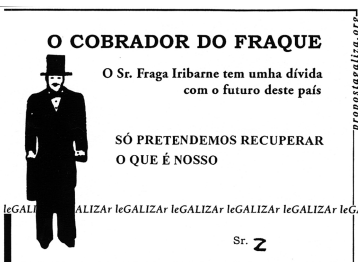


>>

>> Foto III



>> Foto IV



➤➤ Foto V



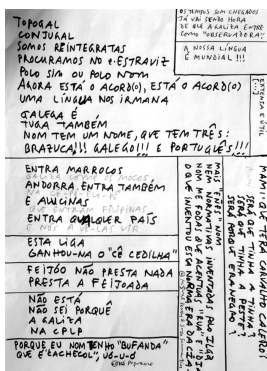
➤➤ Foto VI

 $92 > 93$

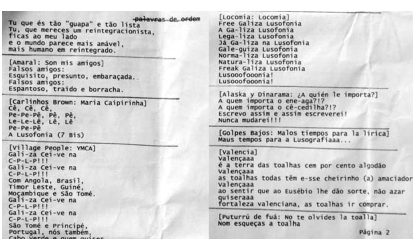
➤➤ Foto VI



➤➤ Foto VIII



➤➤ Foto IX



NOTAS

[1] Sinto interligadas *viagem e literatura*, e já me têm interessado tanto na reflexão crítica como na própria escrita literária. No fim de contas, “poucos humanos como os galegos tão legitimados para falar disto”, já escrevi anos atrás.

[2] Na União Europeia de 2003, por exemplo, significava um 2,6% do PIB: até um 5% nos países mais desenvolvidos, e só um 1,4% em Portugal. Retiro o dado de Isabel Pires de Lima, que cita Richard Florida a propósito dos 3 T's, in *A Cultura e o Novo Mundo*, separata distribuída ao público na sua conferência no Seminário interdisciplinar “O(s) sentido(s) da(s) cultura(s)”, proferida no 17 de Junho de 2010 no Conselho da Cultura Galega, Santiago de Compostela.

[3] Fonte: <http://www.kaosenlared.net/noticia/nunez-feijo-defende-na-cope-as-propostas-galicia-bilingue-contra-galego>. Voltaremos mais adiante à notícia que acompanha esta foto.

[4] Como Corina Porro, número dois do PP por Ponte-Vedra; Carlos Negreira, número um pela Corunha; Alfonso Rueda, número dois do PPdeG; Rosa Diéz, líder de UPyD, etc. Todos eles são partidos e organizações de uma marcada direita espanhola. Havia também membros do Foro de Ermua e, segundo alguns meios (Vid. <http://www.kaosenlared.net/noticia/galicia-bilingue-vai-denunciar-acoso-as-organizacons-independentistas-g>), militantes de Falange Española de las JONS (FE de las JONS), partido de extrema direita e de ideologia fascista (Vid. http://es.wikipedia.org/wiki/Falange_Espa%C3%B1ola).

[5] Desde o século XVI a XIX só existe algum anormal “material literário” escrito em galego apenas como forma de contraste estilístico: uns sonetos renascentistas, uns poemas de festas minervais, alguns poemas académicos, e textos políticos em prosa de inícios do XIX, devidos à invasão francesa e a discussões políticas. Todo o galego que sabe escrever nesta época escreve em castelhano, e se nas Festas Minervais de 1697 aparecem escritores que usam por escrito o “dialecto galego” é para criarem um efeito de contraste ou surpresa.

[6] Vid. <http://www.galiciabilingue.es/>

[7] Vid. fotos em <http://www.anosaterra.org/nova/os-antidisturbios-cargan-na-protesta-de-galicia-bilinguume-.html>.

[8] Vid. “Os-antidisturbios-cargan-na-protesta-de-Galicia-Bilinguê”, de anosaterraTV, in <http://www.youtube.com/watch?v=41CITdu5Erc>, 10 de Fevereiro de 2009; ou “Tres detenidos en incidentes en la manifestación por la lengua gallega”, da Agência EFE, in <http://www.youtube.com/watch?v=jHiV3L1sfAo&feature=fvw>, 10 de Fevereiro de 2009. A abordagem da notícia, de que há algumas amostras na internet, recebeu um tratamento variável nos diferentes meios. Nalguns canais espanhóis, tanto neste caso como noutros parecidos, não é infrequente ver criminalizados como terrorista o galeguismo ativo nas ruas, com associação à “*kale borroka*”, expressão do euskera que significa “luta da rua”, que empregam habitualmente para referir-se aos actos de violência urbana que se produzem no País Vasco, Navarra e o País Vasco-francês.

[9] Vid. <http://nosgaliza.org/autonomicas2009/?p=297>.

[10] Vid. “‘Galicia bilingüe’ vai denunciar por “acoso” as organizações independentistas galegas”, in <http://www.kaosenlared.net/noticia/galicia-bilingue-vai-denunciar-acoso-as-organizacons-independentistas-g>.

>>

[11] Vid. "Nuñez Feijó defende na COPE as propostas de 'Galicia Bilingüe' contra o galego", www.kaosenlared.net/noticia/nunez-feijo-defende-na-cope-as-propostas-galicia-bilingue-contra-galego.

[12] O "colectivo ISCA" está formado maioritariamente por militantes cindidos da UPG (União do Povo Galego) dentro de Galiza Nova. Todos estes partidos e grupos continuam agrupados no BNG (Bloco Nacionalista Galego).

[13] Vid. "Açom de Isca: Vacas contra o espanholismo", in www.youtube.com/watch?v=VetJqKy9EMk&feature=fvvr, subido no dia seguinte, 9-2-2009.

[14] No meu caso, continuo tendo um pé na vertente teórica e "séria" da luta reintegracionista (como universitário, como diretor da revista *Agália*), mas ao mesmo tempo começaram por reclamar-me mais e mais, a partir do facto literário, para a vertente lúdica. Confesso que, mesmo com alguns sustos, há mais imaginação nesta vertente e, se não ganha mais batalhas, é mais agradável para fazer a prolongada guerra de resistência — e uso agora conscientemente vocabulário bélico, que como se compreenderá à vista do contexto anterior não é pura metáfora.

[15] Os manuais da minha terra só recolhem autores e autoras isolacionistas, os livros que se publicam (porque subsidiados), as listas escolares; enfim, o mapa todo oficial e aparente conta a história de quem acatou. Existe, no entanto, vida na periferia.

[16] Os dados que se seguem, nos parágrafos imediatos, procedem fundamentalmente do trabalho de Oscar Diaz Fouces, "Apontamentos sobre a socialização do Reintegracionismo", in *Agália*, 67-68, 2001: 9-34.

[17] BOE 199 e 200, de 20 e 21 de Agosto de 1979. É o famoso "Decreto de bilinguismo" que desenvolve a Ordem de 1 de Agosto e estabelece a possibilidade de incorporar o galego no sistema escolar, fixando uma série de requisitos que o dificultavam seriamente.

[18] Nessas jornadas foi distribuído entre os participantes o opúsculo *Orientacións para a escrita do noso idioma*, pequeno prontuário que viria a ser divulgado em muitos cursos durante o ano académico 1979-1980, e que passou a ser um referencial para o semanário *A Nosa Terra*, definindo os alicerces de um modelo normativo, conhecido, depois, popularmente como "os mínimos" reintegracionistas.

[19] A proposta normativa caracterizava-se pelo seu carácter "liberal", deixando escolhas aos utentes, de modo a permitir uma escrita com diferentes graus de proximidade com o resto do diassistema luso.

[20] No fim de 1980 aparecera também *O Ensino. Revista Galega de Sócio-Pedagogia e Sócio-lingüística*, promovida pela AS-PG. Esteban Radio apresenta nos primeiros números um denso trabalho sobre "Normativización e normalización do idioma galego", declarando-se partidário de uma normativa reintegracionista, no mesmo sentido em que fará A. Gil Hernández ou C. Durán. Nesse mesmo ano nasce a *Associação de Amizade Galiza-Portugal* (AAG-P), com o objectivo de favorecer as relações culturais entre os dois povos. No futuro, a AAG-P alinhará com diversos grupos na defesa de uma estratégia particular, substancialmente diferente da de outros grupos reintegracionistas.

[21] Em Março de 1982, a AS-PG convoca o *I Encontro Nacional da Língua* e, em 29 de Maio, o *II Encontro Nacional sobre a situación lingüística*, dedicado monograficamente à normativa. Segundo o relatório que publica *A Nosa Terra*, 192, a AS-PG e a AGAL coincidiram na defesa das posições reintegracionistas, apresentadas por Montero Santalha, enquanto as organizações políticas da esquerda nacionalista (PSG, EG, PG)

fazem questão em dar prioridade a “Unha ortografía que foi usada polo povo”, um tipo de argumento que, por acaso, também parece ter chegado até aos nossos dias. Em 23 de Janeiro de 1982, a AS-PG celebrava a sua primeira reunião para actualizar as *Orientacións* de 1980, apresentadas agora como *Orientacións para a escrita do noso idioma* e distribuídas nas *VI Xornadas do Ensino*, assinadas por uma *Asociación Sócio-Pedagógica Galega*. Como delata o título, as *Orientacións* implicam um passo em frente nas propostas normativas, caras à reintegração no sistema galego-português. Coincidindo com a celebração do *I Congrés de Moviments de Renovació Pedagògica*, em Barcelona, produzir-se-ia uma cisão na AS-PG que teria a ver com divergências de apreciação quanto ao debate normativo. Resultam dela uma AS-PG estrita, ancorada nas *Orientacións* de 1980 e uma *Asociación Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa* (AS-PGP) a defender os “máximos” reintegracionistas. A própria revista do grupo, *O Ensino*, reflete a cisão. O sector AS-PG publicará (só) um número 7, em 1985, enquanto o setor AS-PGP continua avante com a publicação, que passará a ser *Revista Galaico-Portuguesa de Sócio-Pedagogia e Sócio-Linguística* e, depois, coincidindo praticamente com a altura em que passa a ser editada pela *Fundação Europeia Viqueira-Instituto Internacional da Lusofonia* (1989), será *Revista Internacional da Lusofonia de Sociopedagogia e Sociolinguística*. Publicará, igualmente, diversos volumes com material relacionado com Linguística, Sociolinguística e Literatura lusófonas. A revista reflete claramente a trajetória de um dos setores do Reintegracionismo, aquele que está vinculado às novas *Irmandades da Fala* (de que falaremos depois), desde as *Orientacións* de 1980 até aos diversos *Acordos* de unificação normativa dos países lusófonos em 86 e 90.

>>

[22] A convocatória junta um rascunho, e o rogo de que “non pase aos medios de comunicación nin se lle dea publicidade mentras non teña lugar a Xunta Extraordinaria” (Cf. *Temas de O Ensino* 4/5:158). Porém, as informações relativas à convocatória chegam aos meios, que tentam estar presentes, embora só se admita o acesso dos jornalistas de *La Voz de Galicia* e *El Ideal Gallego*, mas não os d’*A Nosa Terra* (Nos núms. 196-197, p. 5, afirma-se, literalmente, que a RAG pretendia a imposição de uma normativa “que fixese que o galego se acercase ao español para así ser máis facilmente asimilado por este, ao mesmo tempo que fuxia do seu tronco comun, o luso-brasileiro”).

[23] A atribuição de oficialidade reporta ao DOG nº 36, de 20 de Abril de 1983, que inclui o Decreto 173/1982, de 17 de Novembro, “sobre a normativización da Lingua Galega”. No Dia das Letras de 1983 seria distribuída uma brochura, a inaugurar a coleção de textos legais (e até o funcionamento) do *Servicio Central de Publicacións da Xunta de Galicia*. As normas RAG-ILG passam a ser obrigatórias para todos os centros escolares da Galiza (art. 4) e o seu uso será requisito indispensável para a aprovação de livros de texto e material didático (art. 5). O Decreto acaba de completar um quadro iuslingüístico na Galiza que inclui outros dois “pés” básicos: o Estatuto de Autonomia (LO 1/81, de 6 de Abril) e a Lei de Normalização Linguística (L 3/1983, de 15 de Junho), cujo artigo 1 dispunha que “*O galego é a lingua propia de Galicia. Tódolos galegos teñen o deber de coñecelo e o dereito de usalo*”. Esse dever atingirá todos os cidadãos espanhóis com vizinhança administrativa em alguns dos concelhos galegos (cf. o art. 3). Porém, em Outubro de 1983, o Governo Central aceitou em parte a proposta de recurso perante o Tribunal Constitucional que enviou à Delegação do Governo na Galiza, recorrendo o dever de conhecimento. O Delegado do Governo na altura era, precisamente, a mesma pessoa que o Presidente da Real Academia Galega.

[24] A revista *Agália* vem de atingir o número 100 e cabe-me a honra – e o trabalho – de ser o director desde o número 62. Depois de várias tentativas de transferir esta

responsabilidade, estamos neste momento procurando dar-lhe uma nova orientação científica e uma nova direcção.

[25] Com o número 99-100 da revista *Agália* (segundo semestre de 2009) foi distribuída uma *Atualização* da norma AGAL adaptada ao novo Acordo, em coerência com a cautela ainda presente.

[26] Por não se tratar especificamente de grupos dedicados ao activismo linguístico, e pelas limitações de espaço, não apresentaremos aqui mais dados relativos aos usos linguísticos das organizações políticas.

[27] No verão de 1995 os grupos normalizadores iniciariam um processo de confluência que levará à constituição, em 1996, do *Movimento Defesa da Língua*. Em Maio de 1996 veio a lume o número 1 da *Língua Nacional. Boletim de informação lingüística*, editado pela Artábria, que informou acerca das primeiras actividades do MDL. O número 11 da *Gralha* (Maio 1996) antecipa também a constituição do MDL, para dar resposta à necessidade de espalhar entre o conjunto da sociedade as propostas reintegracionistas, de um modo eficaz e coordenado. O número 2 da *Língua Nacional* (Julho de 1996) apresenta-se já como boletim do Movimento Defesa da Língua, embora continue a ser editado pela Artábria. Em Julho de 1998 aparece o nº 0 do *Em Movimento. Boletim do Movimento Defesa da Língua*. Nesse mesmo número aparece também referenciada a primeira localização na rede do MDL: o acesso à Internet permite aos grupos reintegracionistas um sistema cómodo e económico de dar publicidade aos seus objectivos e campanhas. Nesses anos começam a proliferar os sítios de rede de diversos conteúdos e temáticas, que utilizam a ortografia histórica do galego. Em 2002, a AGAL inaugurou o *Portal Galego da Língua*, <http://www.pglingua.org>, hoje referência para todos os agentes comprometidos com a normalização da língua.

[28] Reunidos a 15 de Dezembro de 2001, em Compostela, para manifestar a sua queixa por terem ficado marginalizadas do processo de negociação, diversas entidades reintegracionistas do país assinam o *Manifesto 15D* e constituem, em 23 de Fevereiro de 2002, a *Assembleia da Língua*, que nasce "com o intuito de coordenar esforços de pessoas e grupos para activar socialmente uma ampla concepção galego-portuguesa da língua e da cultura". Determinadas associações e instituições optaram por enquanto por ficar à margem desse processo de convergência (a *Associação de Amizade Galiza-Portugal*). O processo de convergência, apesar de não satisfazer as expectativas de determinados grupos, chegou a alargar-se em eventos recentes que contaram com a participação de sectores reintegracionistas e não reintegracionistas, como o apelo da *Mesa pola normalización lingüística* para diversas organizações que trabalham pela dignificação da língua própria da Galiza (incluindo a AGAL, o MDL ou a Assembleia da Língua), participarem num novo *Encontro Nacional sobre a Língua* em 25 de Maio de 2002. Nas conclusões reafirmou-se a substancial unidade existente entre galego e português.

[29] Os fundos do programa comunitário *Interreg I*, com milhares de milhões das antigas pesetas, foi aplicado a pontes sobre o Minho, condutos de gás natural, estradas e obras de infraestruturas para melhorar as comunicações. E muito bem. O grande negócio empresarial incrementou-se. Uma manchete do *Correo* falava de "70 empresas lusas trabajan en Galicia", enquanto lamentava que do outro lado do Minho fossem só três das grandes galegas que estavam a actuar. Na página seguinte, noticiava-se que a Caixa Geral de Depósitos desembarcara na Galiza, enquanto Caixa Galicia começava a mover-se em direcção a Portugal (*El correo Gallego*, 21-10-94, 34-35). Esse trânsito empresarial tem continuado nos anos posteriores, e a *Comunidade de Trabalho* chegou

a gerir em 97 uns 20.000 milhões procedentes do *Interreg II* 1994-99 (vid. o especial "Portugal", in *La Voz de Galicia*, 17-12-1997), e continuavam chegando notícias de permeabilidade económica crescente, tipo "*Galicia se convierte en el trampolín del textil portugués hacia Europa*" (*La Voz de Galicia*, 28-04-2003). O intercâmbio cultural tem continuado alimentando-se de detalhes, empreendimentos pessoais, actividades ligadas à especialidade de Estudos Portugueses na USC, esforços como os da sala NASA e posses como as do CDG – que ao actor português José Martins mudou a fonética no papel em *A Burla do Galo*, de Vidal Bolaño, seguindo os ditados isolacionistas da Junta. Os poderes não estavam pelo labor. Na altura dos primeiros efeitos do *Interreg I*, o BNG, no *Programa eleicións Europeas 1994*, defendia que "*En vista da política oficial – española e autonómica – que despreza o evidente princípio histórico, xenético e tipolóxico, da unidade do galego e do português como variantes do mesmo sistema lingüístico, o BNG defende a necesidade de recordar este feito, cientificamente incontestábel, e conveniente para incrementar os lazos de intercâmbio cultural bilateral entre Galiza e Portugal, pequenos no presente e que deben, no futuro, ser moito máis frecuentes e intensos*" (p. 18). Quase uma década depois, o BNG continuou vendo rejeitadas (Maio de 2003) propostas do ensino do português mesmo como língua estrangeira na Galiza – ao mesmo tempo que continuou a protestar contra incumprimentos básicos da Lei de Normalização Linguística em áreas como a Administração de Justiça mas também, e ainda, da Educação em todos os níveis (Vid. *Agália* 73-74, pp. 273-275). Quando depois chegou coligado ao poder com o PSOE também não conseguiu muito mais.

Espanha assinou a *Carta Europeia para as Línguas Regionais e Minoritárias*, mas o incumprimento em matéria de promoção e intercâmbios transfronteiriços é berrante, e assim o denunciou diante da União Europeia um relatório elaborado por sindicatos, partidos, a Mesa e outras associações e entidades. Se já não um Camilo Nogueira (em múltiplos momentos e lugares), mas indivíduos como o nobilitado Camilo José Cela afirmava em Portugal que "*Português e galego são a mesma língua*" (com destaque entre aspas no cabeçalho, *Jornal de Letras*, 29-09-1992), já aqui do mesmo indivíduo, algum tempo depois, se refere que "*El Nobel destaca en Lisboa la honda relación luso-galaica*", e na letra pequena se explica que "*Sobre las relaciones entre Galicia y Portugal en el marco de una Europa sin fronteras, dijo que el gallego y el habla del norte portugués 'se diferencian ligeramente'...*", na mesma página em que aparece a notícia "*España lleva la tilde de la letra ñe a la presidencia de la UE*" (*La Voz de Galicia*, 13-01-1995).

O tratamento do português na Galiza é bem sintomático da visão da cultura que o Estado Espanhol e a Junta aplicaram nesta euroregião, nomeadamente se comparado com outra onde se aplica um sub-programa similar: "*Os fondos comunitarios fomentan o estudo do portugués en Extremadura, que ten máis de 6.000 matriculados*", enquanto "*Os programas de integración fronteiriza de Galiza e Portugal evitan a lingua común*" (*A Nosa Terra*, 1016, 10/16-1-2002: 2). Dos cinco sub-programas do Interreg, o nº 4 correspondente ao Alentejo-Extremadura apresenta aplicações e resultados bem diferentes. Aí o português passou a ser matéria obrigada nos cursos de polícia, administração, hotelaria, sanidade, transporte, e "*Extremadura ofrécese como bisagra de Portugal co Estado Español*", com entrada de fundos do *Interreg II* para incrementar a permeabilidade cultural, a informação nos jornais, os intercâmbios escolares, sendo incluídos conteúdos referidos a Portugal nos programas educativos: "*No está de más que una región como Extremadura, tan marcada por su carácter fronterizo, haya incluido referencias en su currículo educativo a Portugal...*" (J. L. Conzález Carballo, *La Gaceta Extremeña de la Educación*, 70, Febreiro-2003: 2). O presidente da Junta estremenha explicava que se multiplicam as iniciativas em colégios de primária, centros de secundária, escolas de idiomas e centros privados;

Ibarra anunciava que queriam "ser a porta de entrada de tantas cousas admiráveis do país veciño na nosa realidade nacional española. Queremos ser, com se di agora, a interface de Portugal na España, o lugar por excelencia de comunicación entre os dous países" (*A Nosa Terra*, 1016, 10/16-1-2002: 3). Mas não a Galiza, onde "a política cultural de integración fronteiriza da Xunta faise contra a cultura común. O Eixo Atlántico constituído polos concellos da Gallaecia, remedia o expediente con premios de pintura e narrativa e modestísimos festivais de cine e teatro. O río de cartos comunitarios que regan a fronteira, vaíse en cementar camiños e outras obras coñecidas como 'infraestrutura de interese mutuo' ou, como di a retórica da UE, 'axudas para a realización de actividades de cooperación trans-fronteiriza'. Cosidas a Portugal, Castela, Extremadura e Andalucía son, coma Galiza, 'Obxectivo 1' no 'Programa Interreg', que prepara agora a terceira edición. A diferenza é que se aproximan á lingua da beira sen prexuízos. Pola contra, o actual goberno da Galiza, o país que dera lingua e poboación a Portugal, mira a fronteira cos ollos de Felipe IV" (*A Nosa Terra*, n.º 1016, 10-16 Xaneiro-2002: 3).

98>99

[30] Vid. <http://www.agal-gz.org/portugaliza/tvsptnagaliza/index.htm>.

[31] Cf. o estado de coisas que abordei em *Língua e Cultura*, Sociedade da Língua Portuguesa, Lisboa, II série, n.º 1 e 2, 1996: 35-42. O texto corresponde à participação no Congresso Internacional *Identidade Cultural e Cooperação Transfronteiriça (Galiza-Norte de Portugal)*, organizado pela AGAL e celebrado em Vigo em 1995.

[32] No segundo "Eixo Estratégico" das prioridades do *Interreg III*, existe a "Medida de Intervenção" 2.2, definida como "Sustentabilidade cultural, património histórico, etnográfico e identidade local"; existem os objetivos estratégicos de "proteger e integrar numa estratégia de dinamização regional os extensos recursos naturais, patrimoniais, culturais e de identidade dos territórios transfronteiriços"... Pode-se acreditar que um Estado e uma política espanhola que sempre sacrificou os interesses galegos em prol dos interesses espanhóis, vai tentar reforçar a identidade dos territórios transfronteiriços? Que vai haver Sustentabilidade cultural...? Bem ao contrário, parece que a reflorestação com eucaliptos desnaturando a mata nativa tem a sua correspondência premeditada no terreno cultural evitando-nos o contacto com Portugal. Do encontro com Portugal, a Galiza é o único lugar do Reino da Espanha que poderia receber uma autoafirmação intensiva no quadro euro-regional da UE, e isso seria, se não um risco de secessão (no actual quadro político), sim um risco real de perder dependência do Estado central e centralista. Se a Galiza melhora o entendimento com Portugal e o Brasil, e se afirma linguisticamente, até pode deixar de ser periferia, abrandar na sua espanholização terminal, deter a história quase acabada de aniquilação progressiva. A existência de Portugal é uma desgraça para uma Galiza espanhola, porque mantém viva a falta de identificação com a Espanha. A existência de Portugal é uma sorte para uma Galiza galega, porque mantém viva a auto-identificação. Por isso, creio que da euroregião não se pode aguardar um reforço transfronteiriço em termos culturais estando a promoção de projectos em mãos espanholas. Vamos sendo cada vez mais espanhóis do que galegos, por necessidades de viver no quadro político que nos cabe, e talvez por isso emigrar continua sendo uma realidade crescente: e está longe esta frase de ser metáfora simpática, porque galegos e galegas, aos milhares, continuaram a emigrar da Galiza, sendo as Canárias um destino principal recente, mesmo bem anterior à crise (Vid. *El correo Gallego*, 1-7-2002).

As relações luso-espanholas incrementam-se, mas, tocando no cultural, sublinhar a peculiaridade da Galiza nesse contacto é retórico ou suspeito, e raramente recordado por poucas cabeças conscientes em Portugal. Uma delas, José Carlos de Vasconcelos,

num editorial do JL: *"Depois, por óbvias razões, dos países de língua portuguesa, a Espanha deve ser uma 'primeira prioridade' da nossa política externa em geral e da política da cultura em particular. Depois dos países de língua portuguesa, disse, ou mesmo de par com eles, acrescento: sempre no que concerne à Galiza"* (nº 859). E é que não temos de remontar-nos a Rodrigues Lapa para aprendermos o que já sabemos. Também Fernando Rosas, candidato à presidência pelo Bloco de Esquerda em Portugal, viu muito lucidamente no seu momento *"A questão Galega"*, como intitulou a sua coluna ao retorno de uma breve estadia no norte: *"A língua portuguesa, ou, se quisermos, a sua versão galega, constitui o principal traço não só auto-identificador da realidade nacional galega, como o primeiro elemento de separação e de resistência face à hegemonia política e cultural do 'espanholismo', isto é, do Estado espanhol e da cultura castelhana"* (Público, 24-12-1997: 9).

[33] Se não estou em erro, a ideia original foi de Elvira Souto, formulada para um grupo de amigos, em Ferrol, com posterioridade a uma homenagem a Carvalho Calero.

[34] Falaram Elias Torres, Isaac Díaz Pardo, José Luís Rodríguez, e J. Guisám Seixas – que apresentou imagens da que qualificou como "campanha de ruptura de sonolência", que procura que "desperte do seu sono o fogar de Breogám", e lembrou a "campanha alegre" de Eça de Queirós.

[35] Em Setembro apresentou-se a página web www.propostagaliza.org, que informava sobre as actividades e apoios, posteriormente sabotada; no 12 de Outubro apresentou-se uma "Ultranoite" na Sala NASA, com solidariedade de conhecidos artistas em apoio à campanha; e redigiram-se manifestos, comunicados, lemas ("LEGALIZA GALIZA, OFICIALIZA, UTILIZA, NORMALIZA!"), cartas explicativas aos partidos políticos, desenhos, etc.

[36] Vid. as fotos e vídeos, in <http://agal-gz.org/blogues/index.php/ddooler2007/>.

[37] Vid. <http://agal-gz.org/blogues/index.php/ddooler08/>

[38] Vid. <http://agal-gz.org/blogues/index.php/suso/2009/05/21/ddooler-09>.

[39] <http://agal-gz.org/blogues/index.php/ddo10/>.

[40] Vid. "Sucesso ridiculista e brutalidade policial na manifestação polo apartheid lingüístico na Galiza", in http://www.pglingua.org/index.php?option=com_content&view=article&id=624:sucesso-ridiculista-e-brutalidade-policial-na-manifestacom-polo-apartheid-lingueistico-na-galiza&catid=8:cronicas&Itemid=69.

[41] <http://tangallegocomoelgaspacho.blogspot.com/>.

[42] <http://libertinajelinguistico.blogspot.com/>.

[43] Vid. o maravilhoso relato sobre a promoção da estátua em homenagem a Carvalho Calero, in <http://seioque.com/index.php/seestampassando/a-estatua-no-meio-dia>.

[44] Deixamos um agradecimento por estas cópias ao genial Suso Samartim.

>>